



Revista inclusiva de divulgação tiflo-cultural

Biblioteca Municipal de Coimbra



DEPARTAMENTO DE CULTURA
Divisão de Bibliotecas

N.º 1 - Setembro de 2012

Coordenação: José Guerra

Arranjo gráfico: M. C. Bastos

Locução: Maria José Alegre

Sonoplastia: Emanuel Laça

Impressão Braille: Serviço de Leitura para Deficientes Visuais da BMC

e-mail:

leitura.especial@cm-coimbra.pt

Tel. 239 702 630

[Pode fazer o download da versão áudio daqui.](#)

O cego curioso queria saber de tudo. Ele não fazia cerimónia no viver.

O sempre lhe era pouco e o tudo insuficiente.

Mia Couto in "Estórias Abensonhadas" P. 29

* * *

SUMÁRIO

Editorial	4
Tiflologia	6
Cegueira. Aprender a viver sem uma luz ao fundo do túnel	6
Coimbra dos meus amores	12
Parque de Santa Cruz	12
Quando os cegos são a personagem	17
O Dervixe Cego e a Primeira Flauta	17
Livros & leituras	22
Audiolivros.....	22
Vai acontecer	24
A viajar pelas letras	26
Os lírios.....	26

* * *

EDITORIAL

Por José Guerra

Neste mês de Setembro de 2012, damos início a um novo projecto no âmbito do Serviço de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Municipal de Coimbra.

A edição de um boletim, que agora ousamos chamar revista, não é uma iniciativa inédita no âmbito deste serviço. Em tempos, editámos "Página Braille", um pequeno boletim de divulgação tiflo-cultural, exclusivamente impresso em braille.

Surge agora "Jardim da Sereia", revista inclusiva de divulgação tiflo-cultural.

"Jardim da Sereia", alusão directa ao espaço adjacente à Biblioteca Municipal de Coimbra, um ícone da cidade. Trata-se de um nome bem conhecido, o qual só por si garante uma imediata ligação com Coimbra.

Depois, o subtítulo "Revista inclusiva tiflo-cultural", evidencia, por um lado, o facto de ser uma publicação acessível a pessoas com necessidades especiais (publicada simultaneamente em áudio, braille, e texto digital); por outro lado, destaca a sua opção temática: a tiflologia e a cultura.

Pretendemos com esta iniciativa estreitar a relação dos leitores com o serviço, captar novos utentes, e divulgar temas de cariz cultural junto de um público tradicionalmente desfavorecido no acesso à conteúdos informativos, como é o caso de muitas pessoas com deficiência visual.

Dentro dos limites da temática e da matriz previamente desenhada, procuraremos diversificar os assuntos e manter um registo de escrita compatível com a heterogeneidade do público a quem primariamente se destina.

"Jardim da Sereia", com periodicidade mensal, assenta na seguinte matriz:

"Tiflologia" - nesta rubrica serão abordados temas relacionados com a especificidade das pessoas com deficiência visual; "Coimbra dos meus encantos" - pequenos textos sobre Coimbra; "Quando os cegos são a personagem", histórias ou pequenos excertos de obras literárias onde e quando a personagem seja pessoa cega; "Livros & Leituras" - críticas e resenhas das obras que são gravadas no nosso serviço e as que constem para publicação Braille; "Vai acontecer" - informações breves de

eventos a acontecer na Casa da Cultura / Biblioteca Municipal, em particular, e na cidade de Coimbra, em geral, os quais, pelas suas características, se mostrem especialmente adequados para poderem ser fruídos pelas pessoas com deficiência da visão; "A viajar pelas letras" - espaço para publicação de pequenos contos e poemas da autoria dos utentes, colaboradores, ou amigos do serviço. A propósito de algumas efemérides poderão ser publicados poemas ou outros textos de autores consagrados; "Tecla de atalho" - pequena rubrica sobre informática adaptada; "Discriminação (+ vs -)" - Discriminação positiva ou apenas discriminação (negativa), rubrica destinada à publicação e comentário de textos legislativos, decisões administrativas ou práticas que promovam a discriminação positiva em favor das pessoas com deficiência, tendo em vista a igualdade de oportunidades. O sinal será negativo quando se identifiquem medidas que obstem ou dificultem o desígnio da inclusão social.

Procuraremos respeitar esta matriz, ainda que cada número da revista não pretenda incluir a totalidade das rubricas anunciadas. Elas ir-se-ão sucedendo, sendo certo que algumas estarão mais presentes que outras, já que às primeiras cinco atribuímos carácter de regularidade, enquanto as restantes terão publicação intermitente.

* * *

TIFLOLOGIA

Cegueira. Aprender a viver sem uma luz ao fundo do túnel

Por Pedro Rainho

O sotaque acentuado denuncia a proveniência alentejana de Ana Gil mal pronuncia as primeiras palavras. Chegou há menos de dois meses ao centro, depois de sofrer um derrame cerebral que lhe afectou os nervos ópticos. Aos 42 anos, a funcionária da Câmara Municipal de Sousel perdeu por completo a visão, mas os 25 dias em que esteve internada no Hospital de São José, em Lisboa, em Dezembro de 2011, deram-lhe tempo para reajustar prioridades. “Nos primeiros dias eu nem sabia se ia sobreviver. Mas a minha vontade era tanta que perder a visão foi o menos importante”, confessa.

Soube da existência do Centro Nossa Senhora dos Anjos através dos serviços sociais do hospital e candidatou-se à mesma entrevista inicial por que passam todos os utentes. A conversa serve para avaliar o estado psicológico de cada candidato e determinar se pode ser acompanhado durante alguns meses no espaço.

“Para nós, o mais complicado é lidar com a depressão e o desalento das pessoas, porque isso perturba-as tanto que dificulta a aprendizagem”, confessa o psicólogo António Feliciano.

Ao cimo da Travessa do Recolhimento de Lázaro Leitão, em Lisboa, o centro dedica-se a dar uma nova esperança a pessoas que, como Ana Gil, perderam aquele que será o mais importante dos cinco sentidos: a visão. O espaço é o único em Portugal a trabalhar na reabilitação de pessoas com cegueira recém- -adquirida ou com baixa visão. Abriu portas há exactamente 50 anos e em 2011 a gestão foi transferida da Segurança Social para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Acolhe utentes de todo o país em regime de internato, com períodos que variam entre os seis meses e um ano. Ao longo desse tempo, os 12 técnicos do centro dão apoio a quem passou por uma perda súbita e irreparável. Uma perda que exige um luto,

mas que não é sinónimo do fim. Ao fundo do túnel pode não haver luz, mas há uma nova oportunidade para viver.

“A tua realidade agora é outra”, disse Ana Gil a si mesma, ainda no hospital, “e o que ficou para trás ficou. Agora vais ter de encontrar soluções para enfrentar as coisas.” Nas primeiras semanas, o estado de espírito não se manteve sempre tão positivo, porque reaprender a viver quando se está a meio da vida é duro e a angústia acaba por ocupar o seu lugar. Mas para a utente mais recente do centro a adaptação à nova realidade foi rápida e em poucos dias ela passou a conhecer os cantos à casa. Porque é “uma pessoa despachada”, agarrou-se à aprendizagem das tarefas que são para si mais importantes: a informática – porque quer “voltar à actividade profissional que tinha” – e a mobilidade.

Primeiros passos

Ana Gil é acompanhada nessas áreas por técnicos especializados, como Ana Henriques, professora de Iniciação às Técnicas de Informação e Comunicação (TIC 1). Em voz alta, a professora dita, palavra a palavra, aquilo que deve ser escrito pelos dois utentes que naquela aula têm a primeira aproximação ao computador. Sentados em duas secretárias lado a lado, guiam os dedos pelo teclado com a ajuda de duas marcas que assinalam as letras F e J e que servem de referência para todas as outras. No ar, com a voz de Ana Henriques ressoa uma outra, metálica, que sai das colunas. O software de reconhecimento do ecrã serve de guia para os alunos e é a única forma de saberem os passos a dar quando estão frente ao ecrã. O computador representa a maior janela para um mundo fora da realidade rotineira. “Para uma pessoa cega, ter um computador com acesso à internet é estar acompanhada estando sozinha”, explica Arménio Nunes, professor de TIC 2. Ali os utentes “aprendem tudo o que precisam de saber fazer no correio electrónico, utilizam o Skype e o Messenger e navegam na internet”.

Para quem não esteja no centro, e não frequente acções de formação profissional, Arménio Nunes desenvolveu, há dez anos, o Programa de Apoio em Autonomias de Tecnologias de Informação e Comunicação. Um projecto que funciona como sistema de ensino à distância. A partir do gabinete, onde também dá aulas,

responde actualmente a dúvidas de 17 alunos, uns do Porto outros dos Açores, e há até quem lhe escreva dos Estados Unidos. Garante que o prazer que tem nesta actividade vem de quando sente “as pessoas ficar mais contentes, a comunicar e com o amor-próprio a subir”.

Autonomia

A disposição dos alimentos no prato é guiada pelos ponteiros do relógio. A carne vai para as três horas, a salada ou os legumes para as 12 e o arroz ou as massas ficam entre as oito e as nove. Uma acção simples, como pôr a mesa, exige o mesmo método e rigor que todas as tarefas do quotidiano para quem, como Tânia, não tem o recurso da visão. Hoje tem 19 anos e chegou a Portugal em Novembro, ao abrigo de um protocolo para a área da saúde entre o Estado português e as antigas colónias. Os primeiros sinais de que algo não estava bem com os seus olhos apareceram quando era ainda uma criança de sete anos.

Entretanto perdeu a quase totalidade da visão e tenta reaprender a naturalidade das actividades que antes realizava com simples recurso aos olhos. “Encaramos isto como uma escola, mas onde tem de haver tempo para a interiorização e para a reflexão, porque aceitar que se vai ficar cego para a vida é complicado”, diz Ana Magalhães, directora do centro desde Março. A reabilitação de cada utente é encarada de forma personalizada, com as suas necessidades e os momentos próprios de evolução, porque “é preciso tempo para pensar, é preciso dar espaço às pessoas para interiorizar as aprendizagens, algumas delas muito duras”.

Uma das maiores barreiras é a da falta de mobilidade. Alguns utentes chegam ao centro depois de meses limitados aos ambientes mais familiares, deslocando-se entre o quarto, a sala e a cozinha das suas casas. Readquirir o sentido de orientação, as noções de espaço e o equilíbrio são alguns dos principais momentos de aprendizagem após a perda da visão. Judite Martins esteve dois anos “presa à casa”, depois de um deslocamento da retina ter encerrado um processo de vários anos, entre perdas e recuperações da visão. A ex-utente interrompe por momentos a leitura em braille de um conto infantil – técnica que aprendeu no centro – para recordar os 12 meses que passou em reabilitação: “Fui à luta e aprendi tudo. Se no fim-de-semana tiver dez

peças em casa”, diz com orgulho, “cozinheiro para todos sem precisar da ajuda de ninguém.”

“Há uma reaprendizagem para a vida”, sublinha Sónia Grilo, a mais recente técnica do centro, que faz o acompanhamento das aulas de actividade motora, piscina e mobilidade. Numa antecâmara da capela transformada em ginásio, a professora utiliza a recriação de um jogo de *bowling* para treinar a orientação com os utentes. Colocados numa ponta da sala, lançam pelo chão uma bola especial, com pequenos guizos no interior, tentando acertar com a direcção de onde veio o comando de voz de Sónia Grilo. Aplicados à vida quotidiana, exercícios como este vão permitir distinguir a proveniência de sons e ajudar a que as pessoas voltem a orientar-se no espaço.

“Os utentes que passam pelo centro podem sair daqui com um grau de autonomia satisfatório”, assegura o psicólogo António Feliciano. No entanto, há limitações que nunca serão ultrapassadas, “porque em termos de mobilidade as pessoas podem aprender a movimentar-se e a utilizar os transportes públicos, mas, excepto em casos excepcionais, ficam limitadas aos mesmos percursos”. O acompanhamento psicológico é, por isso, essencial para lidar com as frustrações que surgem com o processo de reabilitação, como o momento em que se começa a usar a bengala.

Porque representa para o próprio uma limitação que não existia e porque se perde o anonimato perante a sociedade, apresentando quem não vê como alguém diferente.

“Para nós o mais complicado é lidar com a depressão e o desalento das pessoas, porque isso perturba-as tanto que dificulta a aprendizagem”, mas “como estão ocupadas e em contacto com outras, rapidamente surge uma esperança”, explica António Feliciano. Conseguir movimentar-se é um passo fundamental na conquista de autonomia, mas há outras tarefas do dia-a-dia que têm de ser trabalhadas.

Na aula de Actividades da Vida Quotidiana – Competências Sociais, a aprendizagem de Tânia vai muito além de pôr a mesa. Ao passar os dedos por uma moeda de dois cêntimos apercebe-se de que há um veio a meio – “parecem duas moedas coladas” – que a distingue das outras. O truque para as notas é dobrá-las ao meio, enrolá-las em volta do indicador e unir as pontas por cima do dedo. A quantidade

de papel que sobra, em função do tamanho de cada nota, permite perceber o que tem nas mãos. Um processo simples, embora demorado.

Futuro lá fora

Foram precisos alguns anos de “reclusão” para que Paulo Almeida se “ambientasse à ideia” e aceitasse a nova fase da vida em que se encontra.

Hoje garante que “quer fazer tudo o que fazia antes de perder a visão”. Prova disso é a exposição de fotografias que apresentou na cerimónia do cinquentenário do centro dos Anjos e que agora preenche as paredes do refeitório. Imagens captadas nos últimos dois meses, já como utente da instituição.

O prazer da fotografia é uma forma de preparar novos projectos, porque a vida fora do centro vai continuar quando estiver concluída a reabilitação: “Gostava de fotografar Lisboa da minha perspectiva, a perspectiva de alguém que não vê.”

Outro objectivo que gostaria de alcançar seria tirar um curso de massagista, que lhe permitisse ter uma actividade regular mais tarde, porque “não existem muitas saídas para quem não vê”. “Daquilo que tenho verificado em experiências anteriores, é muito difícil recolocar as pessoas no mercado de trabalho”, lamenta Ana Magalhães, que tem sentido as dificuldades acentuarem-se nos últimos meses, com o agravamento da situação económica do país. “Neste momento há um grande vazio no mercado de trabalho”, aponta Sónia Grilo, o que dificulta a motivação dos utentes, pela falta de perspectivas. “Se nós temos de dar 100% no trabalho, eles têm de dar 5000% para mostrar que nunca falham”, defende a professora. “Depois de se conseguir renascer é voltar a matar a pessoa”, conclui a professora. “Por outro lado”, lamenta Paulo Almeida, “existem algumas leis no nosso país que não são cumpridas pelas empresas”, o que torna impossível o acesso a determinados postos de trabalho. “A sociedade trata-nos como uns coitadinhos, mas não me revejo nesse estatuto” porque “tenho tanto valor como uma pessoa que tenha todas as suas capacidades”, diz.

A par da marginalização profissional, ressalta dos testemunhos a sensação de alguma insensibilidade e incompreensão por parte da sociedade. Depois de se movimentar pela cozinha do centro, enquanto preparava o almoço para aquele dia – uma das actividades que ali se desenvolvem –, Teresa Rascão observou: “As pessoas

querem ajudar e a primeira coisa que fazem é agarrar-nos no braço. Isso é errado, porque acabam por deixar-nos num espaço que para nós é vazio. Ficamos sem referências.” A experiência leva-a a defender que “toda a gente devia aprender como se agarra uma pessoa cega e como se deve caminhar em simultâneo com ela”, para evitar alguns acidentes que acabam por acontecer. Outro problema, destaca Paulo Almeida, são os passeios, que “não estão preparados para pessoas cegas”. Caixas de electricidade, carros nos locais errados e postes baixos no rebordo dos passeios são outros exemplos daquilo que, para quem não vê, representa um perigo eminente.

Actualmente há 14 pessoas em lista de espera para integrar o Centro Nossa Senhora dos Anjos e Ana Magalhães sublinha a disponibilidade da instituição para trabalhar com músicos ou estudantes da área que promovam actividades no local, pelo “papel lúdico-terapêutico” que a actividade representa. Para mais tarde está a ser pensada a abertura de apartamentos para residências individuais, que permitam trabalhar a autonomia dos utentes da instituição.

Publicado em 23 Jun 2012 em:

<http://www.ionline.pt/portugal/cegueira-aprender-viver-sem-uma-luz-ao-fundo-tunel-0>

* * *

COIMBRA DOS MEUS AMORES

Parque de Santa Cruz

O Parque de Santa Cruz, também conhecido por Jardim da Sereia, data do século XVIII, tendo sido mandado construir, entre 1723 e 1752, no espaço da antiga Quinta da Ribela, por D. Gaspar da Encarnação, então responsável pela Ordem dos cónegos regrantes de Santa Cruz e antigo ministro de D. João V. Os luxuosos e ostensivos arranjos, levados a cabo por este reformador da congregação dos Crúzios, foram motivo de estranheza e admiração do povo de Coimbra, sabedor de que o espaço era única e exclusivamente destinado ao recreio e exercício dos frades crúzios. O Parque apresenta, ainda hoje, a estrutura principal em moldes de conservação que reflectem a opulência e todo o sentido cenográfico da arquitectura barroca e funcionou, por muito tempo, como símbolo evidente do poder de uma ordem religiosa abastada, dona da maioria das propriedades em redor de Coimbra.

Após a extinção das ordens religiosas em 1834, o Jardim, como parte integrante da agora baptizada Quinta de Santa Cruz, passou pelo património de vários proprietários, sendo o Comendador José António L. Ribeiro o último particular a usufruir deste espaço. Em 1885, a área da quinta foi adquirida pela Câmara Municipal, pela impressionante quantia de vinte e dois contos de réis, que nela edificou o então Bairro de Santa Cruz, embora o jardim continuasse a ser marginalizado até à sua mais vigorosa revitalização, já na década de 30. Uma intempestiva e avassaladora intempérie natural, na forma de um ciclone ocorrido em 1941, ocasionou avultados estragos. As novas intervenções introduziram, gradualmente, no espaço outrora dominado por árvores de folha perene, novas espécies de caducifólias como a tília-europeia, o ulmeiro, o choupo-americano, o plátano, o liquidâmbar, o lodão-bastardo, a olaia, o freixo, ou os áceres, como o plátano-bastardo, o bordo-dos-rios e o bordo-negundo. A introdução de espécies exóticas continua ainda a ser uma prática adoptada nas acções de rearboração do coberto vegetal que apresenta sinais preocupantes de envelhecimento, o que provoca o progressivo desvirtuar da flora dominante primitiva deste Parque, constituída por cedros e loureiros, planeada em prol das funções

exercitantes a que se destinava este espaço e em que a queda das folhas, e o conseqüente acumular de matéria orgânica, carente de ser removida, era completamente indesejável.

A entrada principal do Parque, em frente à Praça da República, é emoldurada por um aparatoso pórtico, subdividido em três arcos apoiados em pilastras, cujo deslumbre deveria ter sido maior na época da construção, em que a Praça estava desnivelada e situada em cota inferior, sendo necessário subir os degraus de uma escadaria para aceder e adentrar nesse espaço. O pórtico está forrado com elementos decorativos de natureza calcária, retirados dos tectos (estalactites) ou do chão (estalagmites) das grutas da zona de Condeixa, sendo ladeado por dois imponentes torreões, de cobertura piramidal. A decoração exterior, de certo modo invulgar, foi feita com pinturas a fresco (género pictórico realizado com tintas minerais resistentes, aplicadas sobre o reboco fresco das paredes), representando elementos arquitectónicos em *trompe l'oeil*. No interior, podem ser apreciadas cenas alusivas a S. Teotónio, Santo Agostinho e D. Afonso Henriques. Encimando os arcos do pórtico, estão esculturas representativas das três virtudes teologais — Fé, Esperança e Caridade e, apensos aos torreões e ao arco central do pórtico, observam-se ainda os candeeiros de ferro forjado, obra de Albertino Marques, ambos de reconhecida qualidade estética e primorosa técnica.

Ultrapassado o pórtico, é-se confrontado, à esquerda e à direita, com dois pequenos jardins quadrangulares ensolarados, com sebes de buxo, a maioria rasteiras e dispostas em rendilhado simétrico, onde é possível observar exemplos interessantes de arte da topiária, executada em estilo arquitectónico. Dominam estes espaços, dois bustos de homenagem a Camilo Pessanha e Cabral Antunes, dispostos no centro de cada jardim e em posição de frente a frente, como que a incentivar um acalorado diálogo virtual.

Ombreado por estes jardins, no centro do corredor de entrada, deparamo-nos com o espaço do Jogo da Pela, ou da bola, onde os monges se divertiam e faziam exercício sempre que as tarefas eclesiásticas terminavam e o tempo o permitia. Esta avenida de configuração rectangular é rematada nos lados por bancos revestidos de azulejos setecentistas, com cenas alusivas à Natureza e a actividades cinegéticas em

tons de azul sobre branco, estando antigamente ladeada por loureiros e carvalhos dos quais subsistem alguns exemplares [. . .].

Nos terrenos logo por cima dos bancos, que ladeiam o jogo da pela, pode observar-se o acanto, uma herbácea em franca expansão, cujas inflorescências de flores branco-violáceas chegam a atingir mais de 2/3 do comprimento total da planta (60 cm); a forma das suas folhas é amiúde referida como o modelo das folhas exibidas nas colunas coríntias.

Voltando ao espaço central, verifica-se que este está subdividido por dois pequenos muretes, formando três corredores que findam nas escadas que conduzem à imponente cascata artificial, criando uma continuidade axial interessante entre esta estrutura e os arcos do pórtico. A utilização de painéis murais de azulejos, as árvores a servir de colunatas, ou paredes vivas, e a subdivisão física dos espaços centrais reforça a ideia que serve de base à tipologia dos jardins barrocos característicos do norte de Portugal e em que a soberana Igreja exercia a sua influência também no domar da Natureza, na tentativa de reproduzir no espaço exterior do jardim, o desenho interior das suas Igrejas. Esta mesma visão foi também salientada pelo poeta Eugénio de Castro, no seu Guia de Coimbra, ao referir que "o Jogo da Bola, que dá acesso ao Parque conserva o seu aspecto primitivo de catedral silvestre, onde o arco entre os dois pavilhões da entrada figura o pórtico da glória, onde a cascata do fundo é um sumptuoso altar-mor revestido pelo damasco verde das avencas, onde, entre os troncos das árvores laterais há penumbras de capelas floridas, e onde os ramos dos loureiros cruzam no ar os artesões duma abóbada que ficou por construir".

A faustosa cascata de três corpos, construída com concreções calcárias delapidadas do mesmo local de onde foram resgatadas aquelas que revestem o pórtico de entrada, repousa num pátio dominado por um pequeno e rasante tanque, animado por um repuxo de água. Praticamente nua no Verão, exibindo tonalidades verdes graças às algas que aproveitam o sol debaixo da água que escorre, esta cascata adquire um portentoso e luminoso manto verde nas estações primaveris suportado, quase em exclusivo, pelas avencas, como a avenca-das-fontes, a avenca-negra e o avencão, que encontraram neste local um nicho ecológico propício às suas necessidades fisiológicas. A cascata é ainda ladeada por duas aletas em cujas volutas inferiores pousam duas taças

animadas com repuxos solitários de água, encimada por uma escultura da Virgem inserida numa oval vazada. Num plano ligeiramente mais recuado estão dois corpos laterais, em que a estrutura de cantaria emoldura painéis ovais de azulejos, representando Sara e Agar no Deserto, do lado esquerdo, e O Profeta Eliseu lançando sal nas águas de Jericó, do lado direito, ambos ladeados pelas estátuas dos quatro Evangelistas. A compor este cenário bucólico, temos os pés de agapanto e as apreciadas hortênsias.

A confrontar o pátio da cascata encontra-se um mini-anfiteatro que convida à contemplação dos sons da natureza e da cadência da água a cair, ou a desfrutar várias actividades socioculturais que animam o Parque durante as festividades ou comemorações. Do lado oposto e junto às casas de banho públicas encontra-se uma autêntica muralha de impressionantes bambus-gigantes, o alimento preferido dos pandas-gigantes asiáticos, em perigo de extinção.

Entre a cascata e este anfiteatro, conducente à Fonte da Nogueira, inicia-se uma escadaria entrecortada, de dois em dois lanços, por pequenos patamares circulares, com taças térreas lavadas por repuxos de água no centro, e bancos revestidos com azulejos historiados, dos lados. É a esta fonte, também conhecida por Fonte do Tritão, que o Parque deve o seu outro nome, pois numa gruta, falsa e muito superficial, construída também com as concreções calcárias, está uma composição escultórica bastante degradada, em que a figura mitológica de um tritão abre a boca a um golfinho, por donde jorra água em abundância para uma concha. É a este tritão, identificado, pelo povo, com o seu equivalente feminino — a sereia, que se deve o nome pelo qual o Parque de Santa Cruz é vulgarmente conhecido pelo coimbrão — o Jardim da Sereia. Sobre a parede, num nicho delimitado por pilastras dóricas, entablamento e frontão curvo, encontra-se ainda uma imagem de Nossa Senhora, num estranho conjunto em que convivem figuras da mitologia pagã e católica.

Igualmente digno de registo é o grande tanque circular, que hoje tem uma fonte ao centro, situado no lado oposto ao da Fonte da Nogueira, onde os monges passeavam em pequenos barcos de recreio [. . .].

Neste tanque, outrora animado por ruidosos cisnes e patos, potenciais pitéus culinários, vezes sem fim raptados pela calada da noite e escondidos debaixo das capas

negras, restam hoje singelos nenúfares brancos, cujas folhas pairam na superfície da água verde, saturada de algas [. . .]

in "Coimbra: Parques e Jardins"

por Fernando Correia e Nuno Farinha - Coimbra: CMC, 2001

* * *

QUANDO OS CEGOS SÃO A PERSONAGEM

O Dervixe Cego e a Primeira Flauta

Por Tom Thumb

Kifkef começou:

Vocês entendem, com certeza, meus amigos, que a vida no deserto está longe de ser fácil. Se não se morre de sede, de calor, da exposição ao vento, ataques de febre, ou ataques de assassinos nómadas, há sempre a possibilidade de a nossa mente ceder, sob pressão da vastidão infinita que de todos os lados pesa sobre nós.

Contudo, a minha história trata de um homem santo que, há muito tempo, gostava de vaguear sozinho pelos desertos de movediças dunas de areia. Nesses lugares os mapas não passam de guias vagos e o território desconhecido está apenas parcialmente explorado. Os mais ignorantes ainda sustentam que é lá que fica o Fim do Mundo. Sim, meus amigos, o deserto não era menos extraordinário ou misterioso do que o oceano para os marinheiros medievais que buscavam novos continentes.

No deserto também circulavam rumores de ilhas verdejantes de fartura fértil e as raras que foram descobertas permaneceram segredos bem guardados.

No entanto, embora o deserto fosse, como ainda continua a ser, um domínio perigoso e insondável, o herói da minha história vagueava muitas vezes sozinho pelas suas profundezas. A primeira regra quando se viaja no Saara é juntarmo-nos a outros para aumentar as probabilidades de sobrevivência. Mas este homem ignorava as advertências dos mais prudentes e fazia frequentemente viagens em que dava mostras de uma coragem e audácia surpreendentes. Os seus feitos tornavam-se ainda mais extraordinários pelo facto de ele ser cego de nascença.

Esta parte da história do dervixe diz respeito à altura em que ele partiu das montanhas do Chade, caminhando para norte na direcção do oásis secreto de Azsabada. Ele subiu e desceu as encostas das dunas, ocasionalmente tropeçando mas mantendo sempre a direcção correcta. Os seus olhos eram como berlindes brancos sempre erguidos para o céu em busca de orientação. Ao estilo dos beduínos, tecido

finos cobriam-lhe o corpo, a cabeça e a maior parte do rosto e carregava uma pequena mochila contendo apenas três odres de água, um cobertor, uma tigela e uma faca.

Para o dervixe, o deserto era um lugar de enorme paz. Ali, estava livre do ruído e tagarelar incessantes das vilas e cidades... Ali, não havia ninguém para lhe fazer perguntas irritantes de como e por que razão um homem cego escolhia caminhar sozinho no mundo, quando na verdade o mundo continha perigos suficientes mesmo para aqueles que possuíam o luxo da visão.

Estas questões entristeciam-no pela falta de fé que demonstravam. Essa gente realmente imaginava que Alá abandonaria um verdadeiro crente? Será que não sabiam que o verdadeiro devoto nunca está sem um guia?

O dervixe não precisa de olhos para encontrar o seu caminho - como se esse fosse o único sentido dado ao Homem. Sem a distração da visão, ele nunca sofria as tentações do desejo. Em vez disso era capaz de escutar as verdadeiras vozes do mundo que a maior parte das pessoas nunca escutara.

Ninguém jamais poderia enganá-lo com doces falas ou uma cara bonita. De facto, quando uma pessoa falava, ele já nem sequer ouvia as palavras, a sua atenção focava-se apenas naquilo que ela realmente dizia por detrás de todo o tagarelar.

A sua clareza e sabedoria eram tão valorizadas que os tribunais de justiça lhe pediam para se ocupar de casos complicados, oferecendo-lhe em troca muitos lugares de destaque dentro do sistema. Mas tal como ele era capaz de ouvir a verdade nas palavras do povo, ele também escutava alto e bom som os sons das coisas. O martelo do juiz ecoava a podridão e o discurso legal soava como correntes enferrujadas.

Quando andava pelas ruas cada casa tentava contar-lhe a história da sua vida mas simplesmente não havia tempo suficiente para escutar todas as histórias. As ruas falavam-lhe dos reinos antigos que tinham rolado pelas suas calçadas e ficava embaraçado quando as roupas das pessoas na rua lhe sussurravam os segredos de alcova dos seus donos.

Objectos de ouro lançavam convites escondidos à sua atenção. Lâminas murmuravam ameaças escuras do fundo das bainhas. Imponentes minaretes criticavam a sua heterodoxa espiritualidade e os bairros miseráveis imploravam a sua misericórdia e alguns poucos dinares que lhe sobrassem.

Esta era a razão porque, mais do que tudo, ele amava perder-se pela imensidão do deserto. A areia, se tinha uma voz, mantinha-a misericordiosamente silenciosa. Quase nada vivia aqui para tagarelar histórias inúteis aos seus ouvidos e quanto mais longe ele caminhava sobre as dunas, mais sereno ficava. Os ventos sussurravam-lhe o caminho a seguir, as suas línguas assobiando e dobrando-lhe os lóbulos das orelhas para corrigir-lhe o curso, cada vez que ele se desviava do caminho.

Mas os ventos são criaturas esquivas e pouco confiáveis e, tal como com as pessoas, pode-se conhecer boas e más. Os guias, que agora o acompanhavam, pareciam relutantes em segui-lo para norte, no caminho para o oásis. E, como ele insistia nesta jornada, a pressão exercida nas suas orelhas foi diminuindo mais a cada quilómetro. Uma a uma, as brisas abandonaram-no e deixaram-no encontrar sozinho o seu caminho.

Em breve ficou sem qualquer orientação e parou para reavaliar sua posição. Tinha passado a maior parte do dia a caminhar e já tinha bebido a maior parte da água. Mesmo que os ventos o ajudassem a seguir outro caminho, não podia esperar fazê-lo sem víveres. Fosse qual fosse o motivo, ele percebeu que os ventos tinham decidido deixá-lo morrer ali. Levantou as mãos numa súplica a Deus e clamou:

Deus é grande. "Allah hu Akbar."

Não há outro Deus para além de Alá. "La ilaha illa Allah."

E continuou em frente, apenas com a sua fé a guiá-lo.

Após mais três horas a tropeçar através das areias, com a perspectiva do fracasso cada vez mais densa na garganta seca, o dervixe de repente ergueu-se sobre os pés e deitou a cabeça para trás. Então, com um sorriso, relaxou. As suas narinas informaram-no que, apesar da traição dos ventos do deserto, ele seguira na direcção certa. O perfume das flores de bambu e de laranjeira flutuando na sua direcção anunciaram-lhe que tinha chegado à entrada do Azsabada.

Usando agora o nariz para se guiar, o dervixe abriu caminho na direcção dos férteis pomares. Elevava a mão em "salaam" à sua frente, para poder cumprimentar qualquer obstáculo com os dedos, ao invés de com o rosto. A água no profundo poço gritou-lhe promessas de frescura e os últimos metros, pareceram-lhe milhas. Levantou

por fim a tampa de pedra e puxou para cima um balde cheio, da fonte que ficava uns cinquenta metros abaixo.

Satisfeita a sede, deu graças a Deus com um Louvado seja Deus! Ham dul u allah e, com um bolo de milho na mão, reflectiu sobre como havia de dar uma lição aos ventos. Tinha confiado nas suas palavras, pusera a sua segurança nas mãos deles e não podia deixar impune a traição.

Percebeu que a primeira coisa a fazer era esfriar a cabeça. Com toda a raiva e sede de vingança que lhe invadiam a mente nunca conseguiria arquitectar nada. E, na verdade, uma vez esvaziada a mente, a resposta tornou-se-lhe clara e dedicou-se à tarefa com a cabeça limpa e fresca.

Caminhou até onde crescia o bambu e cortou um bocado, do comprimento do seu antebraço. Então, sentou-se debaixo de uma palmeira e começou a trabalhar com a faca, enquanto a noite caía. Quando o sol lhe voltou a aquecer o sangue, esfriado pela noite do deserto, a sua obra estava concluída.

Ergueu no ar a sua flauta virgem, para o sol, com a sua luz âmbar, a ver e abençoar. Os ventos viram-no e aproximaram-se, curiosos em ver o que o estranho cego estava a fazer. Teriam gostado de chicotear as ondas de areia e enterrá-lo ali onde ele se encontrava. Mas a serenidade do oásis era uma lei sagrada que mesmo eles respeitavam e portanto resolveram suspender a violência até que ele partisse. Ainda assim, os ventos também eram bem-vindos no Azzabada pelo alívio que traziam ao calor e enrolaram-se como gatos à volta do dervixe.

— Ooo quee éee issoo que fizeesste com cinco buracoss?

Perguntaram eles.

— Nuuunca vimosss naaada parecido com issooo aaantes. — É praa rezaaar?

— Não é nada. Respondeu distraidamente o dervixe. — Absolutamente nada.

E continuou a dedicar toda a sua atenção à tarefa de suavizar os buracos para os dedos.

— Diz-nosss. Gritaram os ventos com uma excitação crescente.

— Éee uma armaaa pra destruir demóniosss ou um oráaaculo para predizeer o futuuuro?

— Oh, não - Assegurou-lhes o dervixe. — É, apenas um pau, realmente, com nada de interesse dentro.

— Ooo que teem deentro? Gritaram eles, desesperados por saber e jorraram pela flauta dentro.

Num movimento rápido, o dervixe colocou os dedos e o polegar de uma das mãos nas notas e a boca e a outra mão em cada extremidade. Sussurrou lá para dentro o nome de Deus e a oração selou as saídas, prendendo os ventos lá dentro.

— Deixa-nosss saiiir. Choramingaram.

— Descuuulpa-nosss.

Mas o dervixe respondeu:

— Há muito tempo já, que todos os que vivem no deserto, ouvem os vossos sermões. Vocês sussurram tentações nos ouvidos das pessoas, enquanto elas dormem à noite; enterraram vivas, em tempestades de areia, tribos inteiras e fizeram perder-se no deserto inúmeros peregrinos. Agora é a vossa vez de ouvir e, para sempre, assim será.

Poisou os lábios na flauta e soprou, através dela, louvores sussurrados retirados do Alcorão. Os ventos viram-se derrotados pela profundidade do coração do dervixe e reconheceram, com vergonha, as suas acções pecaminosas. Ele inalou a respiração do Céu e através do bocado do bambu deu-lhe uma voz. Os ventos no interior não puderam senão deixar soar aquela pureza que não se atreviam a corromper.

O dervixe ficou no oásis até uma nova tribo nómada chegar, dez dias depois. Fê-los cortar pedaços de bambu e mostrou-lhes como fazer as flautas. Encostou à ponta da sua flauta cada novo instrumento e, com um sopro, passou uma parte dos espíritos para dentro deles.

Cada flauta verdadeira que existe hoje no mundo descende desta flauta original.

O conto O DERVIXE CEGO E A PRIMEIRA FLAUTA de Tom Thumb, foi traduzido do Inglês por Maria José Alegre.

O texto original: The Tale of the Blind Dervish and the First Flute foi retirado do site do autor: http://www.tomthumb.org/Tales/tales_dervishflute.shtml

A versão em português foi retirada do site "Sobre a Deficiência Visual" de Maria José Alegre

* * *

LIVROS & LEITURAS

Audiolivros

Após a grande aceitação por parte dos nossos leitores da trilogia Millennium, da autoria do sueco Stieg Larsson, em audiolivro, vamos dar início, durante o mês de setembro, à gravação audiodigital das seguintes obras:

Os Jogos da Fome - trilogia de Suzanne Collins - com locução de Maria José Alegre.

O Prisioneiro do Céu - de Carlos Ruiz Zafón - com locução de Pereira Bastos.

Vida e Sombra - romance, de Nuno de Figueiredo - Prémio Miguel Torga - Cidade de Coimbra 2012, com locução de Maria Cecília Barbosa de Melo.

Levantado do Chão - romance de José Saramago, com locução de Cristina Faria.

Os Jogos da Fome

De Suzanne Collins

Com locução de Maria José Alegre

Num futuro pós-apocalíptico, surge das cinzas do que foi a América do Norte, Panem, uma nova nação governada por um regime totalitário que a partir da megalópole, Capitol, governa os doze Distritos com mão de ferro. Todos os Distritos estão obrigados a enviar anualmente dois adolescentes para participar nos Jogos da Fome - um espectáculo sangrento de combates mortais cujo lema é «matar ou morrer». No final, apenas um destes jovens escapará com vida... Katniss Everdeen é uma adolescente de dezasseis anos que, num acto de extrema coragem, se oferece para substituir a irmã mais nova nos Jogos. Conseguirá Katniss conservar a sua vida e a sua humanidade?

A trilogia Jogos da Fome é o mais novo fenómeno da literatura jovem no mercado de best-sellers juvenis. Escrita entre 2008 e 2010 e já traduzido para mais de 30 idiomas tornou-se um cross-over, atraindo leitores de diversas faixas etárias.

Permaneceu mais de 60 semanas seguidas na lista dos mais vendidos do The New York Times. A sua adaptação cinematográfica foi lançada em Março de 2012 .

O Prisioneiro do Céu

De Carlos Ruiz Zafón

Com locução de Pereira Bastos

Barcelona, 1957. Daniel Sempere e o amigo Fermín, os heróis de A Sombra do Vento, regressam à aventura, para enfrentar o maior desafio das suas vidas.

Quando tudo lhes começava a sorrir, uma inquietante personagem visita a livraria de Sempere e ameaça revelar um terrível segredo, enterrado há duas décadas na obscura memória da cidade. Ao conhecer a verdade, Daniel vai concluir que o seu destino o arrasta inexoravelmente a confrontar-se com a maior das sombras: a que está a crescer dentro de si.

Transbordante de intriga e de emoção, O Prisioneiro do Céu é um romance magistral, que o vai emocionar como da primeira vez, onde os fios de A Sombra do Vento e de O Jogo do Anjo convergem através do feitiço da literatura e nos conduzem ao enigma que se esconde no coração de o Cemitério dos Livros Esquecidos.

Carlos Ruiz Zafón nasceu em Barcelona em 1964. Inicia a sua carreira literária em 1993 com El Príncipe de la Niebla (Prémio Edebé), a que se seguem El Palacio de la Medianoche, Las Luces de Septiembre (reunidos no volume La Trilogía de la Niebla) e Marina. Em 2001 publica A Sombra do Vento, que rapidamente se transforma num fenómeno literário internacional. Com O Jogo de Anjo (2008) regressa ao Cemitério dos Livros Esquecidos. As suas obras foram traduzidas em mais de quarenta línguas e conquistaram numerosos prémios e milhões de leitores nos cinco continentes. Actualmente, Carlos Ruiz Zafón reside em Los Angeles, onde trabalha nos seus romances, e colabora habitualmente com La Vanguardia e El País. Note-se que no nosso acervo de audiolivros existem já as obras “A sombra do vento” e “O Jogo do Anjo”.

* * *

VAI ACONTECER

Conversas ao fim da tarde na Biblioteca Municipal de Coimbra:

É um projecto de animação da leitura que consiste num ciclo de encontros com personalidades de diferentes áreas, que se dispõem a uma conversa informal e descontraída com os utilizadores da nossa Biblioteca.

A actividade está a entrar no seu 5.º ano consecutivo, e realiza-se todas as segundas quartas-feiras de cada mês, às 18 horas.

Em 2012, a nossa Biblioteca comemora 90 anos, pelo que decidimos dedicar as Conversas à área da literatura e aos nossos escritores. Já tivemos entre nós, Rui Cardoso Martins, Gonçalo Cadilhe, Pedro Almeida Vieira, Nuno Camarneiro, João Tordo, Rita Ferro e Cristina Carvalho.

Em Setembro, dia 12, às 18 horas, vamos ter mais uma sessão, esta dedicada a novos talentos da literatura:

Joana Branco

Nasceu em Coimbra em 1981. Licenciada em Línguas e Literaturas modernas (estudos ingleses e alemães) pela Universidade de Coimbra. Pós-graduada em Direitos Humanos pela FDUC e Mestre em Tradução pela FLUC. Professora de inglês e tradutora freelancer. Publicou o livro de crónicas *Café, Canela & Coração*, artigos nas revistas *Máxima*, *RELER*, *Notícias Magazine* e nos jornais *Campeão das Províncias* e *Diário de Coimbra*.

Maria Sousa

Nasceu em 1969 e é professora de inglês. Começou a escrever poemas para o seu blog: www.theresonly1alice.blogspot.com.

Foi convidada para participar em revistas literárias como a *Sítio*, a *Saudade* e a *Criatura*. Publicou o seu primeiro livro *Exercícios para endurecimento de lágrimas* em 2010. Neste momento é co-editora da revista cultural online "A sul de nenhum norte".

Teresa Lopes Vieira

Nasceu em Lisboa em 1984. Licenciou-se em Direito pela Universidade Nova de Lisboa e, desde então, tem vindo a dedicar-se à escrita. Autora de Os diários da Mulher de Peter Pan e Gato Persa Social Club.

...

Lapa dos Esteios:

Sábado, 22 de Setembro às 18h00: Pôr do Sol na Lapa com “A Barca dos Castiços” (entrada livre)

“A riqueza do património musico-poético do cancionero tradicional português tem vindo a inspirar várias gerações de músicos e compositores, actuantes em diferentes áreas, desde a música erudita, ao jazz, passando pelo pop-rock. Perspectivando a manutenção e a preservação dessa matriz tradicional, surgem os grupos etnográficos e folclóricos, baseando o seu trabalho de reposição em trabalhos de recolhas. Por outro lado, surgem grupos que, utilizando as mesmas fontes de informação, ultrapassam a função de reposição, e que, sem essa limitação, concentram os seus esforços criativos e musicais na recriação, em que o património tradicional serve de base a um sem número de experiências, de misturas, mais ou menos puristas.

É nesta última corrente que “A Barca dos Castiços” se insere. A necessidade de alargar os seus horizontes criativos impeliu a tripulação para a criação deste grupo em 2003, nos arredores de Coimbra. Em 2005 houve uma estabilização da formação e de reportório, conseguindo finalmente criar uma imagem sonora que correspondesse aos objectivos dos elementos do grupo. Neste ano também, o grupo ligou-se à Casa do Povo de Souselas, passando a ser uma secção cultural da dita associação, ligada à divulgação da cultura tradicional portuguesa.”

* * *

A VIAJAR PELAS LETRAS

Os lírios

De José Fernandes da Silva

Ao meu filho Francisco Miguel

Eis uma delicada narrativa,
que se reporta ao tempo de Jesus,
de quando Ele era ainda pequenino.
P'ra sempre em mim permaneceu tão viva,
como um alegre e consagrado hino,
que só bondade e grande amor traduz:

Brincava, um dia, num formoso prado,
por perfumadas flores rodeado,
quando o céu, de repente, enegreceu
e desabou fortíssimo aguaceiro.
Havia frágeis lírios num canteiro
e, ao contemplá-los, o Petiz tremeu,

pois os pingos de chuva que caíam
sobre eles eram grossos e pesados
e iam destruir os seus amigos:
Por isso, sabedor de que corriam
enormes e gravíssimos perigos,
sem demora e com passos apressados,

ao maior e mais belo se chegou
e a haste para a terra debruçou,

para que as gotas de água deslizassem
das pétalas sedosas para o chão.
Com todos praticou a mesma ação,
para que as gotas os não estragassem...

Logo que terminou a tempestade,
ao local, outra vez, se dirigiu
e aos lindos lírios, sem dificuldade,
a forma primitiva conferiu,
não ficando nenhum danificado
e muito menos inutilizado!

Depois de concluído o nobre gesto,
com espontaneidade e sempre lesto,
o Pequenino andou de flor em flor,
banhado, agora, por um sol fagueiro,
e, os castos lírios, cheios de esplendor,
de novo, embelezavam o canteiro!

